



REVISTA
SENTIDOS
DA CULTURA

MEMÓRIAS DE CONTADORES DE HISTÓRIAS

O gosto de contar é idêntico ao de escrever - os primeiros narradores são os antepassados anônimos de todos os escritores.

Cecília Meireles

Contar histórias é a arte de contá-las sempre, de novo. E esta arte poderia se esvaír, se histórias não forem contadas. A preocupação com a morte da narração tem uma justificativa real, se pensarmos que vivemos numa era de rápidas informações. Por isso, lutar contra a morte da narrativa é lutar contra a massificação do sujeito, é o que nos ensina Benjamin (1987) em seu famoso ensaio “O Narrador”. Os contadores de histórias sempre tiveram uma importância muito grande em muitos lugares do mundo, parece que o mundo sabe que narrar e ouvir casos, lendas, contos, mitos, em verso, em prosa, em canto e encantos... É experimentar a oralidade travestida de poesia, de verdade, de ficção que varia de contador para contador e de ouvinte para ouvinte. É como se fosse “uma brincadeira de gato e rato, na perseguição dos sentidos do texto”.

Em tempos antigos parecia natural contar o que se ouviu, atualmente a voz se faz presente não mais com a naturalidade de antes e é claro que tem muitas razões para isso, é para que possamos ter a voz como uma das grandes forças afetivas é que se conta histórias, alguns de forma “aprendida” como é possível observar na variedade de grupos de contadores de histórias. Nem sempre é fácil, há de se ter amor pelas palavras e desejo de compartilhar aquilo que se aprende a contar. O processo é de cada um. Ninguém precisa contar histórias igual a ninguém, cada contador é um ser único (parafraseando Carlos Drummond). Porém, é um desafio trabalhar com textos orais, escritos no cotidiano da vida, é um trabalho de leitor em primeiro lugar, no entanto, precisamos entender que vivemos num país cuja oralidade é mista. E por meio da palavra proferida, o contador de histórias cria eco em outras pessoas para que elas possam contribuir com a longa memória cultural da humanidade que é tecida há milênios, pela voz e pela letra, num dinâmico intercâmbio que desenha mundos pela palavra.

A poética dos textos narrativos orais da cultura evoca níveis de significações. Uns fortes que sobrevivem às viagens que esses textos fazem, outros os níveis são fracos que mudam ou são preenchidos por outros no momento da *performance* de contador de histórias, por exemplo. São os esquecimentos, os “brancos” da memória do contador, que possibilitam a criação de novos códigos culturais. Um conto, um mito, uma lenda ... são recriados em seus motivos mais fracos, em seus motivos mais regionais, por assim dizer, e

continuam sua caminhada para todo o sempre devido aos códigos culturais mais universais. São os códigos que surgem do esquecimento que dão possibilidade de (re)significação aos textos. É o que os presentifica, pois a vida é a grande criadora de códigos, e todo código cultural está prenhe de sentidos. Os símbolos, os mitos, as crenças exercem a função de presentificar o passado, e, como dizem os indígenas, temos de contar histórias para trazer a ancestralidade ao presente.

E é isso o que os contadores de histórias fazem e vivem nos movimentos de suas performances, sua herança poética compartilhada sempre. E como isso ocorreu e ocorre está na maneira como alguns deles contam nesta revista. Como a palavra poética afetiva atíça as memórias? Como cada um faz para compartilhar com os ouvintes a sua palavra? São inúmeras as possibilidades, mas, principalmente como cada uma das contadoras narra suas histórias. Sendo assim, vamos aos relatos da memória de Adrine Motley, Ana Selma Cunha, Joana Martins, Luiza Ponciano, Regina Machado e Renilda Rodrigues-Bastos.

Boa leitura de nossas histórias,
Renilda Rodrigues-Bastos e Adrine
Motley.